



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6620 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT12 - Currículo

CURRÍCULO E SEXUALIDADES DISSIDENTES: CENÁRIOS DE PESQUISA

Maria Cristina Araújo de Melo - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Crisley Jamile Araujo - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Rosane Meire Vieira de Jesus - UNEF - Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana

CURRÍCULO E SEXUALIDADES DISSIDENTES: CENÁRIOS DE PESQUISA

1 INTRODUÇÃO

Este resumo expandido apresenta a revisão sistemática de literatura, produzida para sustentar duas investigações de mestrado profissional em educação, que se vinculam ao mesmo espectro temático de pesquisa: o currículo como discursividades em disputas diante das performatividades de corpos com sexualidades dissidentes. O movimento de produção colaborativa intenta voltar-se às produções de pesquisas de pós-graduação *stricto sensu* brasileira, no período entre 2014 e 2019, para compreender os cenários de discussões sobre currículo e sexualidade.

Para tanto, a revisão assume como base de buscas o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). É definido como recorte temporal o intervalo entre os anos de 2014 e 2020, a fim de priorizar as produções mais recentes deste campo de estudos. Os critérios de inclusão do *corpus* de análise são os seguintes: 1) os descritores “currículo” and “sexualidade” and “normatividade”; 2) a presença dos descritores no título, resumo e/ou palavras-chave; 3) pesquisas que mencionem em seus resumos, de forma específica, a temática em questão; 4) são selecionados os trabalhos completos disponíveis no Catálogo.

Assim, chega-se a sete produções, distribuídas em três teses, três dissertações e um Trabalho Final de Conclusão de Curso (TFCC) de mestrado profissional. A análise do *corpus* se deu voltando-se para o problema, pressuposto epistemológico, referenciais teóricos e conclusões dos trabalhos selecionados e,

depois, análise contrastiva dos elementos apresentados.

2 ANÁLISE SISTEMÁTICA

Thiago Ranniery (2016) busca responder, em sua tese, como a performatividade do poder produz espaços e tempos nas relações que envolvem corpo, gênero e sexualidade nos currículos e em que condições a inteligibilidade gay é agenciada em campos específicos de relações curriculares. Nessa discussão, o conceito de currículo é acionado a partir de Lopes (2012; 2013) e Lopes e Macedo (2003); gênero, a partir de Butler (2003; 2004b; 2008) e sexualidade, com Foucault (2006). O paradigma epistemológico é pós-moderno, com abordagem qualitativa referenciada nos estudos *queers* e feministas, sobretudo de Judith Butler (2003; 2004b; 2008), apresentando aproximação com os estudos pós-coloniais. Têm seus sujeitos da pesquisa “pinçados” em Organizações Não Governamentais, boates, praças, redes sociais, escolas e shoppings. Para o autor, a questão que se impõe ao final da tese é que, para existir, o corpo gay precisa atravessar a normatividade e, nesse sentido, não ser eliminado é insistir em continuar vivendo em aliança.

Em “Vias e trajetos de escolarização de sujeitos homoafetivos velhos na cidade de Belém”, Dário Azevedo dos Santos (2015) apresenta, como tese, a investigação das práticas discursivas sobre as homossexualidades vivenciadas em espaços escolares, tendo em vista entender as marcas de discriminações e as estratégias de resistências e transgressões vividas nestes percursos de escolarização. As discussões de currículo referenciam-se nos estudos de Silva (2003); sexualidade encontra eco na obra de Foucault (1988); e gênero é abordado a partir de Louro (2001). O paradigma epistemológico é pós-estrutural, tendo como principal referência os estudos foucaultianos sobre a genealogia do poder e a estética da existência (1988; 2006). O trabalho conclui que o silenciamento contraditório e imposto pela escola no que tange às questões de gênero e sexualidade perdura na história do presente, no entanto, foi paulatinamente reinventado/ressignificado pelas pessoas homoafetivas em processo de envelhecimento.

Keith Daiani da Silva Braga (2019), na tese “Lesbianidades, performatizações de gênero e trajetória educacional”, se ocupa de compreender, a partir de narrativas de sujeitos que se auto representam “mulheres lésbicas”, como são articuladas dissidência sexual feminina, performatizações de gênero e trajetórias educacionais. O estudo não aborda o conceito de currículo; as discussões de gênero referenciam-se em Butler (2003; 2004; 2008) e sexualidade é acionada a partir de Foucault (1988). O paradigma epistemológico é pós-estrutural, vinculado aos estudos feministas de Monique Wittig (2006) e Adrienne Rich (2010), dentre outras; estudos pós-feministas e *queers* (Butler, 2003). A investigação conclui que os espaços educacionais, dentre eles, a escola faz das performatizações de gênero, razão para a exclusão, o silenciamento e o sofrimento psíquico. No entanto, todas as sete entrevistadas afirmam a tessitura cotidiana de estratégias próprias de enfrentamento à norma lesbofóbica. Trata-se de estratégias pautadas, na maioria das vezes, em alianças com outros sujeitos também dissidentes.

“Em papel carbono e barbante: currículo, normatividade e agência a partir de experiências escolares de jovens lésbicas”, Thaís Priscila de Souza Torres (2018) tem como objetivo da dissertação compreender as narrativas sobre experiências

escolares de jovens lésbicas. Recorre aos conceitos de currículo a partir de Macedo (2006), gênero pelo veio de Butler (2003; 2008) e sexualidade referenciada em Foucault (1988). O paradigma epistemológico é pós-estrutural com referência nos estudos de Laclau e Mouffe (2015) e Larrosa (1994). O resultado da investigação aponta para rotas de fuga que podem tencionar os discursos hegemônicos acerca do gênero e sexualidades na escola, demonstrando que a escola pode – e deve – ser o lugar de viver as experiências lésbicas.

Maria Goretti Ramos de Almeida (2019), no TFCC “Currículo, Professoralidades e Sexualidades”, objetiva compreender como os docentes da educação básica de redes públicas estadual e municipal de educação agenciam subjetividades nas negociações curriculares diante de performatividades que envolvem corpo, gênero e sexualidades. Assume como referências teóricas as obras de Macedo (2014; 2017) na discussão de currículo e Butler (2003; 2017; 2018) como aporte referencial para as questões de gênero e sexualidade. O paradigma epistemológico é pós-estrutural referenciado no conceito de diferença de Derrida (2014). O resultado do trabalho sinaliza para a predominância da ideia de currículo oficial e não oficial no cotidiano escolar; como também para a necessidade de problematização do currículo enquanto espaço híbrido de fluxo de sentido e formação de professores, visto que a experiência do fazer reabilita a teorização curricular.

Na dissertação “Práticas discursivas docentes sobre as performances de gênero no contexto escolar”, Alisson Esdras Fernandes de Oliveira (2019) busca analisar como as práticas discursivas dos professores difundem ou silenciam as performances de gênero no contexto da sala de aula. Currículo não se constitui como ancoragem conceitual da pesquisa e gênero e sexualidade são problematizados a partir de Butler (2003). O paradigma epistemológico é pós-estrutural com referência nos estudos de Derrida (2004). Como principais resultados da pesquisa, o autor infere que a escola, como instituição social, ainda reproduz discursos considerados arraigados em relação às questões referentes ao gênero. Depreende a necessidade de formação de professores que versem sobre a temática investigada como a realização de ações de combate ao preconceito e discriminação de gênero.

Na dissertação “Pedagogia dos corpos: Gênero e sexualidade em práticas curriculares de dois CMEI da cidade do Natal – RN”, João Batista de Oliveira Filho (2017) apresenta como objetivo estabelecer os nexos de funcionamento de uma pedagogia dos corpos, atuando pela via de práticas curriculares supostamente produtoras de normalidades de gênero e sexualidades. As discussões de currículo são referenciadas em Silva (2003) e gênero e sexualidade aproximam-se das lentes conceituais de Louro (2015) e Butler (2003). O paradigma epistemológico é pós-estrutural, aproximando-se dos estudos de gênero a partir das referências supracitadas. Dialoga com os estudos culturais referenciados em Veiga-Neto (2003) e com os estudos foucaultianos (1984; 1988; 1989). O resultado da investigação aponta para práticas curriculares de normalização dos corpos, exercidas através de atividades pedagógicas que privilegiam o binarismo homem/mulher e a heterossexualidade.

Na dissertação “Gênero e Sexualidade na escola: Arenas de enfrentamento e negociação”, Francisca Helena Gonçalves Vitorazo (2016) tem como objetivo evidenciar como jovens estudantes do ensino médio de duas escolas – uma escola pública e uma escola particular - desenvolvem suas ações no cotidiano escolar,

produzindo espaços para expressão e afirmação de suas identidades de gênero e sexualidades. A autora argumenta sobre gênero e sexualidade enquanto campos políticos construídos social e historicamente, a partir da obra de Louro (2010). Currículo não se constitui como ancoragem conceitual da pesquisa. O paradigma epistemológico é pós-moderno, com perspectiva híbrida de Cesar (2009). O resultado da investigação revela que os projetos pedagógicos das instituições estudadas não fazem referência à orientação sexual. A escola propõe-se a “normalizar” os gêneros, conforme o padrão heterossexual. Todavia, a pesquisa também aponta para fissuras forjadas no que a autora chama de “arenas de enfrentamento e negociação”.

3 RESULTADOS DA PESQUISA

Dos levantamentos feitos do universo pesquisado, verifica-se que essas investigações são, majoritariamente, orientadas e produzidas por mulheres: 29% desses estudos advêm de pesquisadoras lésbicas e negras e 29% de pesquisadoras não negras e heterossexuais. Os homens representam 42% das produções analisadas, sendo 14% pesquisadores gays negros, 14% pesquisadores gays não negros e 14% pesquisadores negros de sexualidade não identificada. Informa-se que os sujeitos da pesquisa são, predominantemente, estudantes, recém concluintes do Ensino Médio e professores de escolas públicas. A exceção dos professores, todos se auto representam como gays, lésbicas, bissexuais ou transexuais e são, em maioria, de classe proletária. Não foi possível identificar a marcação de raça visto que 75% das pesquisas apresentadas não expõem essa informação.

Os professores da pesquisa lecionam na Educação Básica. Dentre os estudos analisados, 67% não apresentam marcação racial nem fazem referência à orientação sexual dos professores pesquisados. São estudos norteados pelo paradigma epistemológico pós-estrutural, com ancoragem nas obras de Butler (2003; 2004; 2008; 2017; 2018), Derrida (2014), Foucault (1988; 1984; 1989 2005; 2006; 2007), Macedo (2014; 2017), Louro (2001; 2008; 2010; 2015), Silva (2003), Monique Wittig (2006), Adrienne Rich (2010), Larrosa (1994), Mouffe e Laclau (2015), entre outros. Logo, se tratam de estudos que tendem pela valorização da linguagem como constituinte do ser, do social, da cultura em termos simbólicos e linguísticos, entendendo que toda a realidade é mediada pela e na linguagem.

Nesse sentido, as circunstâncias políticas, econômicas, culturais, artísticas, libidinais e científicas confluem para formas de compreensão/ interpretação de si-no-mundo; não há o sujeito fruto de uma posição crítica objetiva sobre o mundo, mas, por se estar lançados nele, aciona-se referências que emergem desses múltiplos produtos das contingências em jogo.

Uma pesquisa orientada pela teoria do discurso [pós-estrutural] é virtualmente incompatível com o modelo hipotético-dedutivo, conforme apresentado, e demanda a articulação de um modelo de explicação que reconheça o caráter precário, contingente e intrinsecamente comprometido do próprio discurso científico (OLIVEIRA; OLIVEIRA; MESQUITA, 2013, p. 1337).

As investigações se dividem entre as produções que fazem referência às

ressonâncias das práticas discursivas dos/as professores/as sobre as performatividades ou identidades de gênero dos estudantes. Dentre estas, têm aquelas que defendem a importância da formação de professores como estratégia para a compreensão dos problemas de gênero na escola; as que põem em suspeição a estabilidade curricular, dando ênfase às fissuras, através das quais, escapam as performances de resistência protagonizadas por corpos lidos como dissidentes; e aquelas que afirmam que os corpos dissidentes, ao resistirem aos aparatos curriculares regulatórios, também instituem o currículo.

Como já exposto, esse *corpus* sinaliza para a ideia de currículo como instrumento de sujeição ou mesmo como espectros capazes de assombrar as normatividades tradicionais e borrar os quadros hegemônicos mais habituais. Todavia não se localiza discussões de currículo como “agência corporificada”, onde os corpos curriculantes (constituídos pela diferença) e sexualmente dissidentes, em aliança com outros corpos também curriculantes, podem negociar um projeto de currículo radicalmente democrático e plural.

Os resultados da revisão constataam que os trabalhos dialogam com a *différance* derridiana como movimento de pensamento que torna possível o dobrar e o desdobrar das linhas de significado ou força em qualquer estrutura dada. Segundo Derrida (2014), *différance* pode ser compreendida como a incompletude e inacabamento das significações do ser, que podem ser sempre adiadas por não haver relação direta entre significante e significado. Estar nesse lugar possibilita explicitar as fendas no tecido institucional da educação, com a hibridização e a diferença – negadas ou excluídas pelos discursos estabelecidos. A emergência dos vetores instituintes do jogo institucional do currículo não tendem ao programático, mas à autodissolução. Só existe em seu momento de emergência instituinte, enquanto um acontecimento.

As identidades de gênero e de sexualidades, que aparecem nos trabalhos, são construídas mediante um quadro normativo. Contudo, a própria norma também se mostra precária, contingente e cambiante. É esse limite da norma, seu caráter não determinista, que a impossibilita de concluir o trabalho de modelar, de formatar. O limite da norma está em sua incapacidade de alcançar a totalidade, que desequilibra as tentativas de capturar, de fixar sentidos e significados. Então, esse mesmo limite normativo produz condições de sua transgressão (BUTLER, 2017).

Se por um lado, a norma é apresentada como uma performatividade de poder do instituído. Por outro lado, há outro poder performativo do instituinte, animando outras formas de aparecimento pela subversão e transgressão. Performatividade, aparecimento e reconhecimento não são conceitos em contradição; são interdependentes, estão relacionados diretamente, como aponta Butler (2017). A aposta é fazer um diálogo, entrelaçando as narrativas das pessoas com sexualidades dissidentes em um cenário de relações de saber e poder, pontuando como essas relações afetam os movimentos de reconhecimento e aparecimento das performatividades.

A norma tem uma força produtiva, ora submete, ora produz resistência. Isso implica reconhecer a norma como uma relação ampla de poder social e que há uma ambivalência em sua produção. “As normas regem a formação do sujeito e circunscrevem o campo de uma sociabilidade habitável” (BUTLER, 2017, p.30). O que ocorre, então, quando se escapa a uma temporalidade continuísta, normativa, produto dos engendramentos das estruturas sociais?

4 CONCLUSÕES

Os cenários de discussões sobre currículo e sexualidade nas produções de pesquisas de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil, no período entre 2014 e 2019, apontam para a relevância das práticas discursivas dos professores sobre as identificações de gênero dos estudantes; bem como para a suspeição da estabilidade curricular com ênfase nas “brechas” por onde escapam a diferença e as dissidências sexuais enquanto performatividades constituintes do currículo.

Nesse sentido, os desafios que essa revisão sistemática impõe são de pensar currículo como indo além de reprodução de modelos ontológicos e gnosiológicos historicamente legitimados no mundo ocidentalizado; abrindo fluxos políticos/epistemológicos em meio às imbricações entre currículo e sexualidades ao animar a ler as performatividades curriculares como corpo inventivo capaz de criar espaços, reconhecidamente, hibridizados, radicalmente democráticos e plurais.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Deshacer el género**. Barcelona: Paidós, 2004.

BUTLER, Judith. **Undoing gender**. New York: Routledge, 2004b.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”**. Buenos Aires: Paidós, 2008.

BUTLER, Judith. **A Vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de Assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CESAR, Maria Rita de Assis. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “epistemologia”. **Educar**, Curitiba, n.35, p.37-51, 2009.

DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e Estratégia Socialista: por uma política democrática radical**. São Paulo: Intermeios, 2015.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. *In*: SILVA, Tomaz. Tadeu da (Org.). **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994. p.35-86.

LOPES, Alice; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

LOPES, Alice Casimiro. A qualidade da escola pública: uma questão de currículo?. *In*: TABORDA, Marcus et al. (Orgs.). **A qualidade da escola pública**. Belo Horizonte: Mazza, 2012, p. 15-29.

LOPES, Alice Casimiro. Teorias pós-críticas, política e currículo. **Educação, Sociedade & Culturas**, Portugal, n. 39, p. 7-23, 2013.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. The curriculum field in Brazil in the 1990s. *In*: PINAR, William (Org.). **International Handbook of Curriculum Research**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003. p. 185-204.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. São Paulo: Vozes, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v.19, n.2, p.17-23, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso em: 18 set. 2016.

MACEDO, Elizabeth. Base Nacional Curricular Comum: Novas formas de sociabilidade produzindo sentidos para Educação. **Revista E-Curriculum**, São Paulo, v.12, n. 3, p. 1530-1555, 2014.

MACEDO, Elizabeth. As demandas conservadoras do movimento escola sem partido e a base nacional curricular comum. **Educ. Soc.**, Campinas, v.38, n. 139, p. 507-524, 2017.

OLIVEIRA, Gustavo Gilson; OLIVEIRA, Anna Luiza; MESQUITA, Rui Gomes de. A Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe e a Pesquisa em Educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1327-1349, 2013.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica, **Bagoas**, Natal, v. 4, n. 5, p. 17-44, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 23, p. 5-15, 2003.

WITTIG, Monique. El pensamiento heterosexual. *In.*: WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Madrid: Egales, 2006, p. 45-57.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo; diferença; sexualidades.